

Coluna do Castello

Chico Lopes fala dos “abismos recessivos”

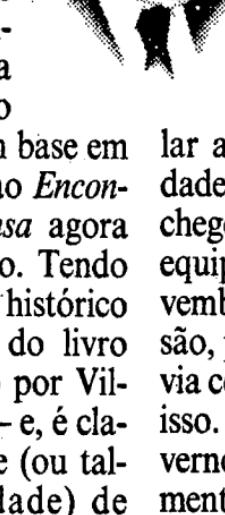
Do economista Francisco Lopes recebi a seguinte carta:

“Sua prestigiosa coluna apresentou hoje, dia 15 de dezembro, comentários sobre minha participação no Plano Bresser com base em antiga entrevista ao *Encontro com a imprensa* agora publicada em livro. Tendo em vista o valor histórico dos depoimentos do livro — como sugerido por Villas-Bôas Corrêa — e, é claro, a possibilidade (ou talvez, inevitabilidade) de interpretações divergentes quando se trata de material histórico, gostaria de lhe oferecer um pouco da minha visão pessoal sobre o assunto.

Em primeiro lugar, chamo sua atenção para o meu pouco divulgado livrinho de 1989, intitulado *O desafio da hiperinflação* (editora Campus), onde nas páginas 77 a 81 trato da minha participação na gestação do Plano Bresser. Como você verá, o que pode parecer uma compulsão irresponsável à reincidência, como aliás parece sugerido pelo gancho da sua coluna de que ‘com economistas não se pode descuidar’ já que ‘parecem incorrigíveis’, foi na realidade uma experiência pessoal de grande intensidade e angústia. Mas, ainda assim, não vejo em relação a ela motivos para pena ou arrependimento, como pode ser conferido nos fragmentos abaixo, extraídos do meu livrinho:

‘Na minha opinião, o Plano Bresser deve ser motivo de orgulho para todos os que participaram da sua elaboração. A noção de que o plano fracassou, que alguns colunistas de economia repetem até hoje, parece-me um completo equívoco. O plano tinha objetivos limitados e os cumpriu integralmente. Fez a taxa de inflação despençar dos 26% ao mês em junho para taxas mensais de um dígito nos seus primeiros cinco meses. Isso deu à economia condições para sair da grave recessão em que se encontrava e tirou o sistema financeiro de uma situação seriíssima de inadimplência generalizada. Para possibilitar o controle futuro do déficit público foi gerado um autêntico choque (de recomposição real) de tarifas públicas. Pelo mesmo motivo os preços mínimos agrícolas para a safra de 1987 receberam aumentos reais, de modo a compensar pela volta da correção monetária no crédito agrícola. Também diversos preços controlados pelo CIP receberam recomposições significativas. Tudo isso naturalmente fez com que a taxa de inflação fosse ascendente no segundo semestre de 1987. De fato, desde o inicio do programa nossa expectativa (aliás inabilmente confessada naquela entrevista do *Encontro com a imprensa*) tinha sido a de que, por essas razões, a inflação estaria em torno de 10% ao mês em dezembro de 1987.

O inicio de 1988, quando a taxa de inflação mostrou certa tendência à esti-



bilização, sugerindo que o realinhamento dos preços relativos estava completo, teria sido tecnicamente o momento correto para lançar um novo esforço no sentido de controlar a inflação.

A possibilidade de um novo choque chegou a ser discutida pela equipe de Bresser em novembro de 1987. A conclusão, porém, foi que não havia condições mínimas para isso. A credibilidade do governo só fazia cair e o orçamento da União para 1988 (gerado pelo Ministério do Planejamento) configurava um autêntico escândalo, inabilitizando qualquer meta de contenção do déficit público. Naquela situação o melhor que Bresser tinha a fazer foi o que realmente fez: apresentar seu pedido de demissão.

Fica claro nessas passagens por que não posso concordar com a afirmação de sua coluna de que ‘o Plano Bresser não deu certo, e não deu a tal ponto que, depois dele, só foi possível cozinhar o feijão-com-arroz de Maílson da Nóbrega, até que se encerrasse o governo’. Ao contrário, o feijão-com-arroz mailsoniano foi a maior prova do sucesso do Plano Bresser em termos de seus objetivos assumidamente limitados. Maílson apenas deitou-se confortavelmente na cama feita por Bresser e desfrutou de um ano inteiro de aceleração moderada da inflação a despeito de um razoável nível de atividade econômica (que hoje, infelizmente, parece excelente quando comparado aos abismos recessivos do governo Collor) e de uma política econômica totalmente passiva. Maílson foi como um piloto substituto que assumiu o comando do avião da economia e durante 12 meses não apertou qualquer botão ou mexeu em qualquer alavanca: o fato de que o vôo continuou relativamente normal apenas demonstra que o piloto anterior havia calibrado adequadamente os comandos do avião.

Para Bresser, entretanto, que entrou no governo com a missão ‘heróica’ — como ele gosta de dizer — de acabar definitivamente com a inflação, a mediocridade do feijão-com-arroz não era uma opção aceitável de política econômica. De fato, mesmo para Maílson foi uma opção apenas temporária: em janeiro de 1989, com o Plano Verão, ele fez a sua tentativa de controle definitivo da inflação, esse rito de Excalibur ao qual nenhum economista no poder consegue resistir (será Marcílio uma exceção?). Como se sabe o Plano Verão, que veio com toda a típica parafernália dos choques — congelamento de preços, tablita, expurgo do índice de preços oficial, extinção da antiga OTN —, teve a pior performance de todos os planos que já se fizeram neste país: cinco meses depois do seu lançamento a taxa mensal de inflação já chegou a 30% ao mês.”

Pela transcrição,

Carlos Castello Branco